

Brasil



RIO GRANDE DO SUL

Ministros repudiam abordagem policial

Homem negro foi detido após denunciar ter sido ferido com faca por dois brancos



CAÇADA EM MOSSORÓ

'NINGUÉM VIU'

Lula sugere convivência na fuga de presídio federal, enquanto Lewandowski adota cautela

JENNIFER GULART
E CAMILA TURBELL
jg@oglobo.com.br
cmt

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva se manifestou pela primeira vez ontem sobre a fuga inédita de dois detentos da penitenciária federal de Mossoró, no Rio Grande do Norte, e afirmou que é preciso apurar se houve convivência. O petista disse que é preciso saber como os detentos "cavaram um buraco e ninguém viu." O ministro Ricardo Lewandowski (Justiça), por sua vez, ressaltou que o caso está sendo investigado e que é preciso respeitar a presunção de inocência. A Federação Nacional dos Policiais Penais Federais (Fenappf) reagiu e classificou como "totalmente irresponsáveis" declarações que sugerem ter havido corrupção de agentes de segurança.

—Queremos saber como esses cidadãos cavaram buraco e ninguém viu. Só faltaram contratar escavadeira—disse Lula em coletiva de imprensa na Etiópia, onde estava em viagem oficial.—Não quero acusar, mas teoricamente parece que teve convivência de alguém do sistema lá dentro. (...) É a primeira vez que foge alguém desses presídios. Isso significa que pode ter havido relaxamento e precisamos saber de quem—acrescentou.

FACÇÕES
Os fugitivos foram identificados como Rogério da Silva Mendonça, 36, conhecido como Tatu, e Deilson Cabral Nascimento, 34. Ligados ao Comando Vermelho, ambos são do Acre e estavam na Penitenciária Federal de Mossoró desde 27 de setembro de 2023.

Em julho do ano passado, a dupla participou de uma rebelião em presídio de segurança máxima em Rio Branco. Houve roubo de armas e ferimentos de policiais pe-



Cobrança. Lula afirmou que fugitivos 'só faltaram contratar escavadeira' para sair da penitenciária



Busca. Rogério e Mendonça é um dos fugitivos



Fuga. Deilson Nascimento também é procurado

Não dá para sair de lá sem ajuda', diz professor

> O professor Francisco Augusto Cruz de Araújo, do Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN/UAB), deu aulas por dois anos na Penitenciária Federal de Mossoró, de onde dois detentos fugiram na última quarta-feira. Araújo disse ao GLOBO que os protocolos de segurança do local são "sempres" e que não acredita que seja possível deixar o presídio sem que haja facilitação por parte de algum funcionário. Leia o relato:

> "Estudei em Mossoró e estive nas celas da penitenciária ainda antes de sua inauguração. Fiquei fascina-

do, é uma estrutura de shopping. Tudo limpo, bem ventilado, com muitas câmeras por todos os lados.

> Fiz mestrado em Ciências Sociais e estudei segurança pública, sempre estive ligado a essa temática. Em 2017, eu estava fazendo um projeto na Penitenciária de Alcaçuz quando ocorreu a rebelião mais violenta da história do Rio Grande do Norte. Pela minha experiência na área prisional, fui convidado naquele ano pelo reitor do IFRN a coordenar cursos para os apenados de Mos-

soró que haviam passado no Enem e conseguiram se matricular no ensino superior pelo SisU.

> Passou dois anos tendo que me submeter ao rigor da segurança do sistema federal, eu ia lá a cada 15 dias. Nada de metal, nem entrada permitida, nem ziper ou botões, e os próprios policiais penais são obrigados a passar por detectores na entrada e na saída. Além do diretor da penitenciária passa por esse procedimento. Existem portões à prova de explosões, cercas eletrificadas, em todo canto há câmeras, é um Big Brother.

> Em 2018, uma colega me levou para mostrar as celas. Não reconheci o buraco que é exibido na foto que foi divulgada. Aquela imagem mostra uma estrutura com aspecto velho, precarizado, e o presídio federal não é assim. Também não imaginei como um preso conseguiria quebrar uma parede daquelas, de concreto aberto, sem fazer barulho.

> Acredito muito na hipótese de que houve facilitação por parte de alguém lá de dentro para que ocorresse uma fuga ("Nicolas Iery")

nais, reféns e cinco mortes, sendo três delas decapitações. O motim levou os dois a serem transferidos para o presídio federal de Mossoró, criado com o objetivo de isolar líderes de facções criminosas do restante da massa carcerária. Mendonça e Nascimento estavam em celas individuais.

FALHAS

O ministro da Justiça foi ontem a Mossoró acompanhar as buscas. Ele adotou, porém, um tom diferente de Lula e evitou afirmar que houve convivência:

—Tenho que afirmar que em nosso regime democrático vigora a presunção de inocência. Portanto, enquanto as investigações não terminarem, não podemos afirmar que houve convivência de quem quer que seja.

Lewandowski, no entanto, defendeu punições caso seja comprovado que houve falha no sistema de segurança do presídio. Como mostrou o colunista Lauro Jardim, do GLOBO, relatório de inteligência da unidade prisional elaborado por autoridades policiais em maio de 2021, ainda no governo de Jair Bolsonaro, aponta que 124 câmeras de segurança estavam sem funcionar. Um segundo documento, de setembro de 2023, já na atual gestão, relata problemas de segurança no chamado *shift*, área onde ficam as tubulações. O documento alerta que era preciso resolver o problema "com urgência", uma vez que o *shift* poderia ser acessado a partir da cela se um preso resolvesse retirar a luminária —o que aconteceu na fuga dos dois detentos. A Federação Nacional dos Policiais Penais Federais afirmou ser prematuro dizer que houve convivência. "As investigações ainda estão em curso e é muito cedo para chegar a esta conclusão", disse a entidade, em nota.

Buscas já duram cinco dias, sem prazo para acabar

Ministro da Justiça alegou que a 'complexidade' do terreno, com matas e grutas, é um ponto de dificuldade para os trabalhos

moisés

Em Mossoró para acompanhar as buscas pelos dois detentos que fugiram da penitenciária federal, o ministro Ricardo Lewandowski (Justiça) afirmou ontem que não há prazo para a captura. Ele alegou que a complexidade do terreno é um ponto de dificuldade para os trabalhos, que já duram cinco dias e mobilizam 500 policiais em dois turnos.

—O terreno é complexo, coberto por mata, em uma zona rural e com uma área extensa. Além de ter rodovias, existem vias e pequenas estradas. O local tem casas

esparças. É um trabalho de busca complexo. A força-tarefa montada acredita que os dois fugitivos da Penitenciária Federal de Mossoró, no Rio Grande do Norte, não foram para muito longe e ainda estão dentro de um raio de 15 quilômetros do próprio presídio. Lewandowski levantou a possibilidade de eles estarem escondidos em uma gruta ou em alguma casa abandonada.

Segundo o ministro, apesar de as equipes utilizarem sensores térmicos, para localizar os fugitivos, os equipamentos não são eficazes caso eles estejam



em um local fechado.

Na sexta-feira, os dois fugitivos, Rogério da Silva Mendonça, 36, conhecido como Tatu, e Deilson Cabral Nascimento, 34, inva-

diram uma casa a poucos metros da penitenciária e fizeram um casal como refém. De acordo com investigadores, eles pediram comida, queriam

ver notícias sobre a fuga e roubaram celulares. A dupla ficou no local por cerca de quatro horas, não pediu dinheiro e fugiu a pé. Orelados dos moradores é que eles

perguntaram onde estavam, demonstrando estar desorientados.

SEGURANÇA

Após a invasão da casa, Lewandowski afirmou que uma das preocupações das autoridades policiais também é a segurança dos moradores, que, segundo ele, estão assustados.

—Nós também estamos muito preocupados com a segurança da população. Queremos garantir a segurança da população do entorno, que está legitimamente assustada com o que houve—disse o ministro da Justiça.

Antes, na mesma madrugada da fuga, os dois detentos invadiram um rancho a cerca de sete quilômetros da unidade prisional. Do local, foram levados comida, pares de tênis e fósforo.

Barreiras. Buscas pelos dois detentos mobilizam 500 policiais, divididos em dois turnos